

Pagode de Vitholapur

A architectura indiana teve tres epochas distinctas. Na primeira, chamada a dos *troglodytas*, a arte esconde-se nas trevas mysteriosas das catacumbas; na segunda ousa apenas apparecer á flor da terra; na terceira avulta já em edificios immensos e magestosos. Nos monumentos que nos ficaram d'essas tres edades, e que se acham espalhados por toda a India, vê-se que a arte nunca pôde elevar-se com a liberdade, que é condição essencial do seu desenvolvimento; que a inspiração teve de succumbir ás fórmas invariaveis dos symbolos; e que o artista foi forçado a obedecer cegamente aos sacerdotes do brahmanismo.

Na India, as artes foram tão escravas como os povos. Os brahmanes dirigiam umas e governavam outros. O artista não passava de ser a machina que empregava os seus braços, e ás vezes de todos os seus filhos, em executar um pensamento que não era seu. Assim, em quanto na Grecia a architectura foi sempre em progresso, na India ella não passou da infancia.

A epocha dos *troglodytas* foi mais fertil que todas. Encontram-se na India mais de dois mil templos subterraneos, taes como o de *Elefanta*, de que o nosso Diogo do Couto deixou uma descripção tão minuciosa como fiel. Espanta-se a imaginação de sómente pensar no tempo e trabalho que deviam ser necessarios para acabar obras tão immensas e eternas como essas grutas, excavadas em durissima rocha, cobertas de esculpturas, e tendo muitas d'ellas quatro a cinco milhas de extensão! A melancolica escuridão e o lugubre silencio que se alojam debaixo d'essas abobadas deixam ouvir distinctamente os echos dos gemidos das gerações que alli trabalharam e padeceram debaixo da tyrannia dos brahmanes. A aggressão durou seculos, mas passou. Os protestos lá estão, grandes como os povos que os fizeram, indeleveis como a pedra em que estão lavrados.

Representam a segunda epocha as pyramides de *Carnate*, *Deogor*, *Ramisseran*, *Jagrenat* e *Ceilão*. São todas de granito, e é ainda o typo sacerdotal que determina as suas fórmas.

Pertencem á terceira epocha os pagodes propriamente ditos. Muitos d'elles não cedem na magestade aos melhores templos do Egypto. São construcções cyclopeanas feitas de enormes rochas, e que terminam em pyramides de quatro faces. Os mais notaveis são os pagodes de *Ramesouran*, na ilha do mesmo nome, e o de *Bramá*, perto de *Pondicheri*.

A nossa gravura representa o pagode de *Vitroba*, em *Vitholapur*, na provincia de *Bicholin*, do estado da India. De modestas proporções, e pobre, este pagode está longe de dar uma idéa exacta da magnificencia dos templos de Bramá. Não lhe falta, comtudo, para attestar a sua fidelidade symbolica, a pyramide, imagem de *Trimourti*, com os lados voltados para os quatro pontos cardeaes. No interior do pagode está o sanctuario, allumiado pela fraca luz de uma lampada. Dentro d'elle está collocado o deus *Vittol*, que fôra para alli levado por um dos ascendentes dos actuaes *dessais* [1] de Sanquelin.

O serviço do pagode é feito pelos *botos* (sacerdotes), que tratam exclusivamente do culto, e por um certo numero de mulheres *(bavinas)*, a quem cabem os outros misteres menos nobres, taes como a limpeza, illuminação, etc.

Poucos são os devotos que vão de romagem ao deus Vittol, e pouquissimas, portanto, as offerendas que elle recebe, não obstante serem amplas as indulgencias que promettem os botos para quantos visitarem o pagode.

Ninguem entra dentro do sanctuario que não seja da raça brahmane. Os christãos quasi nunca passam

[1] Correspondem aos barões da edade média.

do vestibulo, d'onde difficilmente podem ver o idolo, porque o impede a distancia e a pouca luz que ha no interior dos pagodes.

As despezas ordinarias dos pagodes fazem-n'as os dessais de Sanquelin, que tem particular inclinação pelo deus Vittol; para as extraordinarias concorrem tambem os habitantes gentios de Sanquelin.

F. L. Gomes.

D. JOSÉ BARBOSA

(Conclusão. Vid. pag. 188)

III

Erecta na Italia por S. Caetano Thiene, e approvada por bulla de Clemente VII de 2 de julho de 1529; admittida em Portugal para o serviço das missões orientaes, e transplantada da India para Lisboa já na segunda metade do seculo XVII, a congregação dos clerigos regulares tomára pé na corte, e devêra á munificencia devota de D. Marianna de Noronha e Castro, descendente e representante das esclarecidas familias dos Noronhas e dos Castros, a fundação da casa primeira e unica que n'este reino teve, sob a invocação de Nossa Senhora da Divina Providencia [1].

Como de ordinario se observa nas fundações recentes, em que o primitivo fervor se manifesta em toda a sua plenitude, esta casa, de principio habitada por estrangeiros oriundos de Italia, como o eram todos os padres, viu em breve baterem ás suas portas muitos mancebos nacionaes, que solicitavam ingresso em o novo instituto. Estes, dotados pela maior parte de talento, instigando-se reciprocamente pelo exemplo, e alternando as austeridades do claustro com o estudo proficuo das sciencias e letras, vieram a transformal-a durante muitos annos em um verdadeiro seminario de erudição e doutrina, como provam os monumentos de applicação e saber que nos deixaram, e de que podêramos fazer aqui resenha apparatosa [2].

N'esta congregação, pois, entrou o nosso adolescente, quando contava pouco mais de quatorze annos, offerecendo por memorial de sua capacidade, e recommendação para ser admittido, um *poema latino* de mil e tantos versos heroicos, em que celebrava a vida e virtudes do patriarcha S. Caetano. O preposito, que então era D. Carlos Andreasy, admirado do seu talento, não menos que da promptidão e acerto das respostas ás questões que lhe propoz, o recebeu alegremente na referida casa aos 6 de dezembro de 1689. Passado um anno, proferiu os votos solemnes, recebendo com a roupeta o prenome de *Dom*, usado pelos congregados á moda de Italia, e como D. José Barbosa ficou sendo conhecido e tratado d'ahi em diante. Doutrinado pelo padre D. Manuel Caetano de Sousa, que por esse tempo regía na casa os estudos de philosophia e theologia, cursou estas disciplinas, e, chegando á edade competente, foi-lhe conferida a ordem de presbytero.

O periodo assaz longo de sessenta annos, que permaneceu ligado áquella douta e pia corporação, foi por elle habitualmente repartido na pratica dos deveres proprios do seu estado, em que se incluiam os ministerios do pulpito e do confessionario, a que se dava com efficacia; na constante applicação aos estudos, principalmente aos historicos; e no desempenho das muitas e importantes commissões litterarias que se lhe confiaram.

Sendo escolhido para prégar na sua egreja as tardes das domingas de quaresma no anno de 1702, começaram-lhe d'ahi os creditos como orador sagrado, os quaes foram subindo e robustecendo-se ao ponto de ser de preferencia chamado para as maiores solemnidades, quer festivas, quer funebres, que na côrte se celebravam. A gravidade dos conceitos, a energia da exposição, a pureza e perspicuidade da phrase, deixavam sempre satisfeita a espectativa do auditorio. E quem ainda hoje se der ao trabalho de ler com attenção as vinte e duas orações, umas panegyricas, outras funebres, que d'elle nos restam impressas, e as comparar ás de seus contemporaneos, não hesitará, nos parece, em conceder-lhe a primazia.

Entre os admiradores do seu talento predicativo distinguia-se o proprio rei D. João V, que era, como se sabe, um excellente contraste, não só n'esse ramo, se não em tudo o que dizia respeito aos misteres e exercicios liturgicos. Tendo-o ouvido prégar na sua egreja, em 1713, o panegyrico de Santo André Avelino, quiz significar-lhe immediatamente por uma demonstração o prazer com que o escutára. Fel-o chamar á tribuna, e ahi mesmo lhe conferiu para logo a nomeação de chronista da casa de Bragança, com o ordenado augmentado de 80$000 réis, que por novo e espontaneo acto de munificencia elevou, passados annos, a 160$000 réis, com mais 120$000 réis para pagamento de amanuenses. Estas recompensas, que hoje pareceriam bem mesquinhas, eram julgadas por aquelle tempo farta remuneração! Satisfez o padre ao encargo, deixando acuradamente escriptas as vidas dos primeiros cinco duques de Bragança; de que estavam impressos o tomo primeiro, e a maior parte do segundo, quando o incendio subsequente ao terremoto de 1755 destruiu não só os exemplares impressos na typographia, mas todo o original da obra, que autographa se conservava com estimação na bibliotheca real. De tudo escaparam apenas os retratos já gravados a buril, que deviam acompanhal-a, dos quaes alguns exemplares existem ainda nas collecções dos curiosos.

IV

Instituida sob os auspicios del-rei D. João V a academia real de historia portugueza, e approvados os seus estatutos por decretos de 8 de dezembro de 1720 e 4 de janeiro de 1721 (fundação para que tão efficazmente concorrêra o outro laborioso theatino D. Manuel Caetano de Sousa, cujos trabalhos serão assumpto especial de outro artigo que destinâmos para o *Archivo* na primeira opportunidade), tratou-se de preencher o quadro dos cincoenta academicos que deviam compor a nova associação. N'esse numero entrou D. José Barbosa, na qualidade de socio que já era da academia ericeiriana, servindo esta como de nucleo ao novo corpo. Os que se resolverem a folheár de espaço os dezeseis grossissimos tomos a que avulta a *Collecção das memorias e documentos*, publicada pela academia de 1721 a 1736, não poderão deixar de contal-o entre os membros mais prestadios d'aquelle erudito congresso, já nas contas que repetidas vezes deu dos seus estudos, e nas dissertações que apresentou, já nos elogios que compoz e recitou dos academicos finados. Diz-se até que concluira parte do trabalho que de principio lhe fôra distribuido, escrevendo a *Vida do conde D. Henrique*, que chegou a ser vista e approvada pela academia; porém que demorando-se a impressão por embaraços da typographia, d'ahi tirára motivo para suspender a penna.

[1] Os que desejarem amplissima noticia da congregação, e dos homens illustres que em Portugal a ennobreceram por letras e virtudes, podem consultar as *Memorias historicas e chronologicas da sagrada religião dos clerigos regulares*, por D. Thomaz Caetano de Bem, impressas em 1792-1794, dois tomos in-folio; obra já hoje rara, e se não recommendavel pela disposição e estilo, ao menos abundantissima em factos e noticias interessantes para os estudiosos da nossa historia politica, ecclesiastica e litteraria. É para sentir que a promettida continuação não chegasse a ver a luz.

[2] Bastará commemorar entre tantos o *Vocabulario portuguez-latino*, do padre Bluteau; a *Historia genealogica da casa real*, de D. Antonio Caetano de Sousa; as *Memorias historicas de Braga*, por D. Jeronymo Contador d'Argote; a *Geographia historica de Portugal*, por D. Luiz Caetano de Lima; as obras do proprio D. José Barbosa, e as do padre D. Manuel Caetano de Sousa, cuja simples enumeração deu assumpto e materia ao conde da Ericeira para o grosso volume que se intitula *Bibliotheca Sousana*.

Qualquer que fosse o seu desgosto, não obstou comtudo a que, dando obra a outros estudos, apresentasse á academia dois volumosos livros, que lograram a luz do prelo em 1727, ambos fructo de longa e diligente investigação: o *Catalogo chronologico, historico, genealogico e critico das rainhas de Portugal e seus filhos*, e as *Memorias do collegio real de S. Paulo da universidade de Coimbra, e dos seus collegiaes e porcionistas;* servindo-lhe tambem o assumpto d'este ultimo para o *Archiathenaeum Lusitanum*, que imprimiu em 1733, no qual em quatro mil e trinta e seis versos latinos, seguidos de um epitome em prosa na mesma lingua, expõe as vidas e acções dos alumnos do referido collegio.

Como fonte indispensavel para estes estudos, e objecto de curiosidade incançavel, conseguiu ajuntar com grande dispendio a mais rica e copiosa livraria que até o seu tempo se conhecêra de livros impressos e manuscriptos nacionaes e estrangeiros, relativos á historia portugueza. N'ella avultava, além das obras magistraes, uma numerosa collecção de *relaçoes*, *poesias*, *sermoes*, e outros escriptos de menor tomo, muitos d'elles rarissimos ou unicos, e outras singularidades bibliographicas. Este thesouro, doado por elle á communidade, e junto aos mais livros que já havia na casa, todos estimaveis e de preço, veiu a ser pelos padres cedido ao estado, mediante a compensação de uma pensão annual; e entrou por boa parte no fundo com que em 1797 se estabeleceu a bibliotheca nacional de Lisboa. D'ahi proveiu o celebre exemplar da *Historia de Vespasiano*, e outras obras egualmente raras, que ainda se encontram n'esse estabelecimento, afóra outras, que por causas ignoradas desappareceram com o correr dos annos.

O seu constante amor ao estudo, e as occupações litterarias que lhe absorviam o tempo [1], desviaram D. José Barbosa de acceitar cargo algum no governo da congregação, excepto o de preposito, a cuja acceitação por circumstancias domesticas não póde subtrahir-se em 1744, quando já contava setenta annos de edade. Tomou posse da prelazia em 15 de fevereiro com manifesta repugnancia, e comtudo trabalhou por desempenhal-a com mais zêlo e diligencia do que lhe permittiam os annos, já quebrantados pelas enfermidades; porém, achando o encargo superior ás suas forças, não tardou em renuncial-o; e havido o consentimento do geral, largou gostoso o governo em 21 de agosto do anno seguinte.

Pouco depois, uma queixa, para a qual se procuraram debalde os soccorros da medicina, veiu advertil-o de que se lhe aproximava o termo da carreira vital. Consistia em uma excessiva palpitação do coração, cujas ancias lhe não consentiam socego, quer de dia, quer de noite. Apesar da inefficacia dos remedios, luctou com a molestia tres annos, buscando ainda na lição dos livros, e ás vezes no exercicio da penna, o allivio que lhe não davam os medicamentos. Convencido de que o seu fim estava perto, apparelhou-se para morrer com a serenidade de animo e resignação na vontade de Deus, proprias do philosopho christão. Para que a memoria dos seus estudos, e o amor que tinha aos livros não viessem perturbar-lhe os ultimos momentos, pediu ser mudado do aposento em que vivia, e d'este entregou logo a chave ao padre D. Alberto Caetano de Figueiredo, n'esse tempo preposito e superior da casa, desapossando-se de tudo. Feitas as demais disposições, e confortado com os auxilios da religião, expirou placidamente nos braços dos religiosos seus irmãos, e deixando a todos vivas saudades, na tarde de 6 de abril de 1750, contando de edade setenta e cinco annos e alguns mezes.

N'este rapido esboço deixámos apenas consignada uma parte dos trabalhos litterarios d'este varão insigne, pois que a exposição e apreciação de todos os seus escriptos careceriam de longas paginas. Quem pretender conhecel-os mais miudamente, consulte a *Bibliotheca lusitana* de seu irmão Diogo Barbosa, e o nosso *Diccionario bibliographico*, no tomo IV. Ahi encontrará noticia individual de todas essas composições, que são, no conceito dos doutos, outros tantos documentos da propriedade e pureza com que D. José escrevia a lingua materna, havendo por decisiva a sua auctoridade n'esta parte, como d'aquelle que forcejou sempre por imitar e seguir os nossos mais limados classicos. Entre elles affeiçoára-se de sorte a Jacinto Freire, que, segundo se affirma, lêra não menos de vinte e oito vezes a *Vida de D. João de Castro*, d'esse polido escriptor. Para a narrativa mais circunstanciada das suas acções e qualidades moraes, veja-se a sua vida compendiada pelo confrade e contemporaneo D. Thomaz Caetano de Bem, no tomo II das *Memorias* citadas, e o *Elogio funebre* que lhe consagrou o conde de Villar-maior, recitado na academia após o seu fallecimento, e impresso em 1751. Estamos em que n'estes documentos a penna dos panegyristas se não arredaria muito da verdade, para ceder ás suggestões da lisonja, engrandecendo aquelle de quem nada podiam esperar.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

CIDADE DE S. SEBASTIÃO DE MOÇAMBIQUE

(Conclusão. Vid. pag. 220)

V

Comprehende o districto da capital uma peninsula no visinho continente, que lhe fica fronteira, e em tudo lhe faz as vezes de arrabalde. Chama-se a peninsula do *Mossuril*, e é formada pelo rio do seu nome e pela bahia de *Conducia*. É territorio da feição quasi de um semicirculo, com 5 a 6 legoas de comprimento na parte banhada pelo Oceano, e com 2 a 3 legoas de extensão para o interior, onde a limita o rio *Mossuril*. Na extremidade de NE. está a povoação da *Cabaceira Pequena*, e na extremidade do sul as de *Sancule* e *Chaçá*. Entre estas povoações acham-se as aldeias da *Cabaceira Grande* e de *Mossuril*.

A aldeia da *Cabaceira Pequena* está situada defronte da fortaleza de S. Sebastião, da ilha de Moçambique. Foi habitada outr'ora por portuguezes christãos, e lá se vê entre as ruinas de varios edificios antigos uma egreja que era dedicada a S. João. Ao presente os seus moradores são todos moiros, e bastantemente numerosos. Contém esta aldeia muitas casas de pedra, arruadas, e uma mesquita.

Esta parte do paiz não deve ser bonita, pois que é quasi de todo nua de arvoredo, e destituida de cultura. Os habitantes occupam-se uns em ir ás mattas do districto de Quitangonha cortar arvores, serrar e preparar vigas, taboas e barrotes; e outros na fabricação de cairo e de loiça de barro.

O territorio d'esta aldeia é separado, na sua maior extensão, do da *Cabaceira Grande* por um braço de mar, que na occasião da vasante se atravessa a pé enxuto.

Cabaceira Grande é uma aldeia muito menos povoada que a antecedente, porém apresenta um aspecto a todos os respeitos mais agradavel e civilisado. Os seus moradores, todos christãos, compõem-se de uns vinte proprietarios com as suas familias, feitores e escravos.

Esta pequena mas laboriosa povoação tem uma pa-

---

[1] Além das occupações permanentes a que temos alludido, era examinador das tres ordens militares, e synodal no patriarchado; e censor régio do desembargo do paço e da academia de historia. Excedem talvez a cem as censuras ou qualificações (quasi sempre extensas e bem desenvolvidas) que d'elle temos achado em livros impressos durante a primeira metade do seculo XVIII.

rochia, cujo templo, consagrado a *Nossa Senhora dos Remedios*, é o assumpto da gravura que acompanha este artigo.

Não sabemos com certeza quem foi o fundador d'este templo, nem a epocha exacta da sua fundação, mas parece-nos que foi obra dos jesuitas. O fundamento d'esta opinião é ter sido esta egreja parochiada por elles até á extincção da *Companhia de Jesus*. Achava-se o templo muito damnificado quando foi reparado, em 1854, á custa dos proprietarios d'aquella aldeia. Possuiu este templo os paramentos e alfaias necessarios para o culto, e alguns muito ricos, e tambem várias peças de bastante valor. Porém na actualidade está inteiramente desprovido de todo o genero de paramentos e alfaias; e das peças a que nos referimos apenas conserva duas coroas e um sceptro de oiro, que se guardam na casa da *commissão administrativa das confrarias*. Tem esta egreja um unico altar, e uma confraria, intitulada de *Nossa Senhora dos Remedios da Cabaceira Grande*, a qual foi instituida em 1775. Contiguo ao templo havia uma espaçosa casa para residencia do parocho, e que hoje se acha em completa ruina.

O districto d'esta freguezia é todo cultivado, tendo nas proximidades do mar muitos palmares e pomares de laranja, cuja fruta exporta. As laranjas são excellentes, e talvez as melhores das nossas possessões da Africa Oriental. Tambem alli não ha, como na ilha de Moçambique, fonte alguma. Mas compensam esta falta muitos poços abundantes de boa agua, que, além de satisfazerem as necessidades domesticas, servem para rega dos pomares e hortas. Criam-se n'este districto numerosos rebanhos de gado vaccum e ovelhum.

Á *Cabaceira Grande* segue-se *Mapeta*, pequena aldeia habitada unicamente por escravos empregados na cultura de algumas propriedades que ahi ha, não muito importantes, e que confinam com bosques sylvestres e mattos. Tambem se chama *Mapeta* uma ponta que ahi faz a terra entrando pelo mar, em frente do forte de S. Lourenço na ilha de Moçambique. Entre esta ponta e outra chamada de *Apagafogo* faz a costa um reconcavo, onde está assentada a aldeia de *Mossuril*, estancia agradavel e como arrabalde predilecto da capital da nossa Africa Oriental.

É *Mossuril* uma grande aldeia, cujo districto se estende por duas legoas da costa e por uma legoa para o interior. Contém numerosa povoação, composta, além dos escravos que se occupam nos trabalhos da lavoira, de muita gente de todas as raças que habitam em as nossas villas da costa africana. É mui bem cultivado todo este territorio, não obstante ser menos abundante de agua que o da *Cabaceira Grande*. É muito arborisado, constando a maior parte do arvoredo de palmeiras, bananeiras e larangeiras, que dão graça e frescura á paizagem com a elegancia do seu porte e com o viço de sua bella folhagem.

A egreja parochial é dedicada a *Nossa Senhora da Conceição*. Ergue-se em sitio sobranceiro ao mar, d'onde se descobrem lindas vistas em largo horisonte. Tambem se ignora a era da fundação e o nome do fundador. Sómente se sabe que, achando-se muito arruinada no terceiro quartel do seculo passado, foi reedificada pelo capitão general de Moçambique Balthazar Manuel Pereira do Lago, que governou a provincia desde 1765 até 1779, em que morreu. Á sua piedade deve a mesma egreja as alfaias que possue, e um palmar com alguns escravos, de que lhe fez doação por escriptura publica, em que determinava que a administração da mesma egreja ficaria a cargo dos governadores geraes, e, no caso de recusa d'estes, ao senado da camara da villa, hoje cidade de Moçambique.

Não tem o templo mais que o altar da capella-mór, mas é tal que se avantaja aos das egrejas da capital. O retabulo é bello e rico. Guarnece-o bem lavrada obra de talha doirada. Está sepultada n'esta egreja D. Anna Candida de Sousa Coutinho, esposa de D. Diogo de Sousa Coutinho, que foi capitão general de Moçambique de 1793 a 1797.

Contiguo ao templo está uma casa de campo dos governadores geraes, que é uma bonita vivenda, com um pomar junto d'ella, boa cisterna, e dilatados panoramas de mar e terra. No largo da egreja vê-se um edificio por acabar, que foi começado em 1817 pelo capitão general José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, para servir de quartel militar. N'este mesmo largo está aquartelada uma companhia de veteranos em uma casa abarracada.

Estes veteranos fazem a guarnição do *forte de S. José*, pequeno reducto construido sobre a *langoa*, ou *langua*, nome com que desígnam na Africa Oriental qualquer terreno plano, baixo, e onde o mar entra e alaga nas grandes marés. O forte de *S. José de Mossuril* é de fundação antiga. Foi reconstruido em 1758 por ordem do capitão general Pedro de Saldanha Albuquerque, e em 1718 por mandado do acima citado capitão general Cavalcanti.

Dissemos que muitas familias abastadas da capital tem casas de campo com suas hortas e pomares n'esta aldeia de Mossuril. Em geral são casas pequenas. Ha duas, porém, que sobresaem ás outras por serem maiores, mais bem construidas, de melhor prospecto, e mais agradavel e pittorescamente situadas. Pertencem aos srs. Bernardino Portugal da Graça e Urbano da Costa Mattoso. Dizem que esta ultima fôra edificada pelo pae do sr. general João da Costa Xavier, governador geral de Moçambique de 1841 a 1843.

É d'esta aldeia que se abastece a capital de todos os generos necessarios á vida. Para este fim ha alli um bazar ou mercado diario, além de várias lojas de venda, onde se encontra em abundancia frutas, hortaliças, legumes, carnes, aves, farinhas, diversas bebidas espirituosas, e vinagres feitos da canna de assucar, de cajú, etc. Tambem se faz em Mossuril uma feira, outr'ora periodica, e presentemente em prazos irregulares. É chamada feira dos *mujáos* ou *muizas*, por concorrerem a ella as tribus dos pretos d'essas denominações, trazendo para vender batatas e outros fructos, dentes de cavallo marinho, malachites, oiro em pó e outros productos, que trocam por zuartes de Goa e mais fazendas de algodão, diversos utensilios, contas e missangas, etc. Antigamente tambem traziam grande numero de escravos para vender.

Residem em Mossuril o capitão-mór das *Terras Firmes*, e outros empregados na administração d'esse districto.

Em todo este territorio, pertencente ao districto da capital, a agricultura está mais ou menos desenvolvida, porém as cercanias de Mossuril levam vantagem n'este ponto ás de todas as outras aldeias. A sua cultura é mais dilatada, ou pelo menos mais variada, em razão do abastecimento de viveres para a cidade e para os navios que demandam o porto d'esta.

Os seus productos agricolas são: arroz, trigo, milho de duas qualidades, mexoeira, maxiny, feijão branco e encarnado, feijão fava, feijão chicote, jugo, ervilha, mungotory, gergelim, mendobim, maraca, muxiri, carrapato, purgueira, massurra, côco, manga, jaca, ata (fruta do conde), annona, cajú, papaia (mamão), ananaz, uva branca e preta, laranja, lima, limão, toranja, cidra, banana, amora, goiaba, jagoma, maçã, jambellão, jambo, melão, melancia, figo, romã, couve, repolho, alface, nabo, cenoira, rabanete, tomate, cebola, alho, agrião, salsa, coentro, ortelã, mostarda, pimenta de diversas qualidades, tendelim, gonsalinho, abobora branca e amarella, bendaz ou quiabos, pepino grande e pequeno, gengibre, açafrão, bringella e bretalha, café, canna de assucar branca e

vermelha, batata doce de duas qualidades, mandioca, inhame, inchiquile (de que se faz polvilho), algodão de differentes qualidades, panha e sumauma ou seda vegetal.

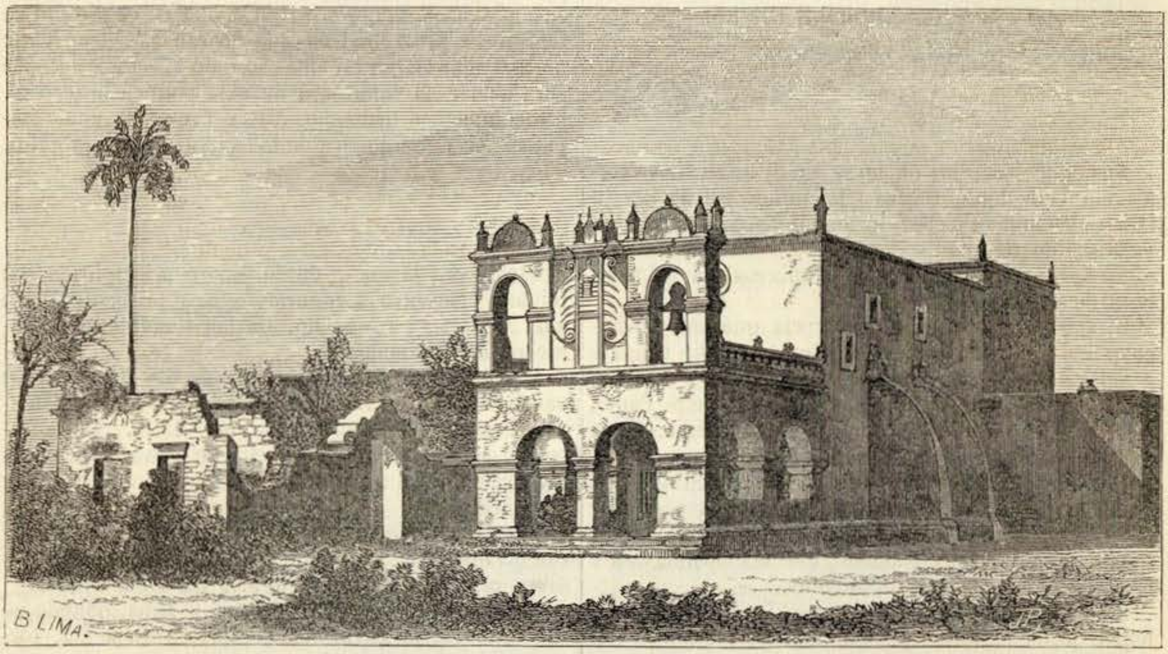
Ha alli criação de gado de todas as especies que temos n'este reino, á excepção do muar e cavallar. Ás aves domesticas do nosso paiz accrescem alli a gallinha do matto, chamada em Lisboa gallinha da India, o pato manilha, e outras aves indigenas.

Fabricam-se em Mossuril e nas referidas aldeias esteiras, bolsas e cestos de palha; aguardente de cajú, de canna de assucar, de çura, de ananaz, de jambalão e maçã; vinagre de cana de assucar, de cajú e jambalão; farinha de mandioca, de trigo, de milho, de tapioca, e olanga (polvilho) extrahido da mesma tapioca; manteiga; queijo; azeite de côco, de gergelim, de mendobim, de carrapato (oleo de ricino), de maraca; jagra de canna; cairo de casca de côco; cal de pedra e de conchas de marisco.

Seguem-se a *Mossuril* as aldeias de *Ampapa* e *Calunde*, aquella habitada principalmente de baneanes e moiros, e contendo várias fazendas soffrivelmente cultivadas, e esta de escravos de proprietarios de terras, composta unicamente de cabanas ou palhoças.

Adiante de *Calunde* está a aldeia de *Lumbo*, pequena povoação de moiros com os seus escravos. Esta aldeia teve antigamente maior numero de habitantes e de casas construidas de pedra. Aquelles estão hoje muito reduzidos, e d'estas apenas existem duas, restando das outras sómente ruinas. Assim, quasi todos os habitantes vivem em casas de madeira. Na lavoira tambem ahi se observa egual decadencia.

A *Lumbo* seguem-se as aldeias de *Sancule*, onde ha pouca cultura, e de *Chaça*, cercada de magnificos



Egreja de Nossa Senhora dos Remedios, no districto de Cabaceira Grande (Moçambique)

palmares, ambas povoadas exclusivamente por moiros e seus escravos, na primeira das quaes reside o xeque de Sancule, tributario da coroa portugueza, com os seus officiaes. O territorio d'este xeque estende-se por 3 legoas da costa, e por perto de 6 para o interior. N'este territorio, no sitio de *Mutiquete*, 7 legoas ao SO. da ilha de Moçambique, acha-se uma abundante nascente de aguas thermaes.

Aqui termina, pois, o districto da cidade de *S. Sebastião de Moçambique*, o qual abrange uma extensão de 40 legoas da costa do continente africano, desde o rio *Quissimajul*, ao norte, até ao territorio denominado *Sangage*, ao sul de *Mojuncal*. A extensão do districto para o interior varía muito, sendo grande em umas partes e pequena em outras. Onde é maior é da parte do norte, no territorio banhado pelo *Quissimajul*, pois que se alonga por 20 legoas, partindo da foz d'este rio.

Concluindo aqui este resumo da historia e descripção da cidade de *S. Sebastião de Moçambique* e do seu districto, reservámos para tratar em outra occasião, em artigo especial, da parte mais formosa e mais rica d'essa opulenta provincia, os fertilissimos territorios banhados pelo *Zambeze*. Então mostraremos em gravura aos nossos leitores as pompas da vegetação e a magnificencia dos quadros que se offerecem á vista nas margens d'aquelle grande rio; e mencionaremos as variadissimas riquezas com que a Providencia dotou a provincia de Moçambique, e com particularidade a Zambezia. Entretanto, quem desejar ter noticias mais circunstanciadas ácerca da nossa Africa Oriental, e dos usos e costumes dos differentes povos que n'ella habitam, póde consultar a *Ethiopia Oriental*, do padre Santos; as *Decadas*, de Barros e de Couto; as *Lendas da India*, de Corrêa, e os outros historiadores portuguezes do Oriente; o *Theatro tragico maritimo;* a *Memoria estatistica sobre os dominios portuguezas na Africa Oriental*, por Sebastião Xavier Botelho; outras memorias escriptas por D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, bispo de S. Thomé e prelado de Moçambique, por Fonseca, Xavier Soares, Gamitto, etc; o livro 4.º da 2.ª serie de *Ensaios sobre a estatistica das possessões portuguezas no ultramar*, que trata da provincia de Moçambique, escripto por Francisco Maria Bordalo, para complemento da obra escripta por Lopes de Lima; o *Almanach civil, ecclesiastico, historico e administrativo da provincia de Moçambique*, por J. V. da Gama; e as obras modernas estrangeiras de Ritter, Anville, Bouchot, Vogel, Guillain, Salt, Levingston, etc., etc.

Cumpre-nos consignar aqui o nosso agradecimento e o da empreza d'este jornal ao sr. conselheiro João Tavares de Almeida por nos ter obsequiosamente cedido as photographias, d'onde foram copiadas as qua-

tro gravuras que acompanham esta serie de artigos. Ao interesse que taes estampas devem inspirar aos nossos leitores, por lhes mostrarem um paiz conhecido de poucos, que foi um theatro de gloria para Portugal, e que é uma das mais valiosas joias da corôa portugueza; a esse interesse, dizemos, vem juntar-se uma circunstancia que, sem dúvida, lhes augmenta o valor. Consiste em que algumas d'aquellas photographias, segundo nos consta, foram tiradas pelo celebre viajante inglez, o dr. Levingston, que tão importantes descobrimentos tem feito no interior da Africa, e por elle offerecidas ao sr. Tavares de Almeida, durante o tempo em que este distincto general governou a provincia da Moçambique com tanta honra do seu nome como proveito d'ella.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O PRIMEIRO AMOR DE UM REI

(Conclusão. Vid. pag. 230)

XIX

O JURAMENTO

Nos primeiros dias do anno 1518, reunidas as côrtes em Valhadolid, Carlos I foi jurado rei de Hespanha pelos procuradores, pelos prelados e pelos cavalleiros do reino.

No meio da solemne reunião sobresaía a nobre figura do moço rei.

D. Carlos estava triste e parecia que não participava do contentamento que o seu triumpho causava a todos, grandes e pequenos.

A comitiva real dirigiu-se ao convento de S. Paulo, onde o cardeal de Tortosa celebrou a missa. Finda ella, D. Carlos saíu da tribuna, sentou-se em um sitial collocado em frente do altar, e jurou guardar fidelidade á nação, governal-a e administral-a com justiça, e respeitar os direitos estabelecidos; e, em seguida, os altos personagens, que acompanhavam o rei, reiteraram os seus juramentos.

Cantou-se depois um solemne *Te Deum;* e não houve jogos publicos, porque Valhadolid, com a dor vivissima das sensiveis perdas que a epidemia fizera padecer aos seus habitantes, não estava disposta para elles.

Terminada a ceremonia, retirou-se o monarcha ao palacio que habitava, e ao anoitecer saiu de novo, mas incognitamente e só acompanhado por um caçador de Espinosa, homem de inteira confiança de sua magestade.

Embuçados ambos em compridas capas, atravessaram diversas ruas desertas, e dirigiram-se ao convento das carmelitas, sito no extremo da cidade.

— Estás certo, perguntou o rei ao caçador, de que o seu cadaver foi depositado n'esta egreja?

— Disseram-me que foi enterrada no claustro d'este convento.

— Pois então procura-lhe a sepultura, porque eu desejo vêl-a.

O caçador obedeceu. Carlos, sem se desembuçar, deu algumas voltas no adro do convento.

Instantes depois, viu avançar para elle um homem tambem embuçado.

— Quem se approxima, perguntou el-rei?

O embuçado reconheceu-o, e, desembuçando-se, exclamou:

— Agradeço a vossa magestade ter-se dignado visitar a sepultura de minha filha.

— Que vem fazer a este sitio, dr. Zumel?

O doutor referiu a el-rei o que sabemos, e certificou que suas duas filhas tinham sido enterradas alli; e que, accedendo ás supplicas de Anna, empregára todos os esforços para que os procuradores e os nobres jurassem fidelidade ao seu legitimo soberano, Carlos I. Havia d'este modo destruido toda a opposição.

O dr. Zumel ignorava que Maria sacrificára a sua pureza ao amor do rei; e, julgando-a virgem, agradecia profunda e sinceramente a D. Carlos ter conservado aquella recordação de um puro amor, que a morte sanctificára.

Carlos, envergonhado do seu procedimento para com Maria, mas sabendo respeitar a dor de Zumel, retirou-se, sem ver, como pensava, o cadaver da desventurada menina.

O doutor ficou rezando junto dos sepulchros de suas filhas.

Como soube, porém, o dr. Zumel onde estavam as duas infelizes meninas? perguntar-se-ha.

Eis a resposta: o dr. Zumel encontrára as filhas porque Chièvres, que sabia, por meio de solicitos espiões, a triste situação das duas orphãs, conseguira encaminhar o doutor para junto d'ellas, com o fim de reprimir a proverbial energia do seu caracter. D'este modo, valer-se-hia da afflicção e do affecto de um pae para servir os interesses de uma politica miseravel. Foi completo o triumpho. Mas o camarista ainda havia de viver, e a justiça de Deus não podia esquecel-o.

XX

O PACTO

Carlos era já rei, e desde todo o principio de seu reinado começava a augurar-se-lhe o brilhante futuro que lhe estava reservado. Os horisontes entre-appareciam-lhe esplendentes.

Mas a tristeza que lhe notámos no dia do juramento não o deixava. O remorso amargurava-lhe a existencia. Pensava incessantemente em Maria. Sentia incender-se-lhe o amor para ella; e ás vezes copiosas lagrimas lhe anuviavam os olhos, e contrahia-se-lhe o coração.

Uma noite, depois de terem decorrido muitas horas de insomnia, pensando na mallograda amante, os olhos cerraram-se-lhe, e viu-a... viu-a em sonhos.

A apparição que lhe despertára a alma, quando no mar alto corria os azares de furiosa tormenta, tornava a apresentar-se-lhe.

— Amas-me ainda? lhe perguntou.

— Sim... sim... exclamou Carlos apertando-lhe as mãos profundamente commovido; amo-te ainda... e peço-te que me perdôes.

— Perdoar-te! por quê?

— Porque faltei ás minhas promessas e te deixei.

— Teus ainda a singeleza da criança!... quem pensas que sou?

— Que és Maria...

— Enganas-te, não sou quem julgas; mas antes de dizer-te o meu nome, que tens desejado saber anciosamente, quero revelar-te um mysterio da existencia. Carece a tua alma de paixões fortes; e agora, que tiveste entre as mãos uma innocente flor, desfolhaste-a. Viste-me uma vez, as minhas palavras e o meu rosto enthusiasmaram-te; quizeste que fosse tua, e, comtudo, logo que encontraste outra mulher, esqueceste-me.

— Eras tu?

— Não... figurou-se-te que, ao vêl-a, me vias, e eu não quiz desilludir-te. Ella era um anjo, um espirito do ceo, e eu... eu sou filha das paixões.

— Não eras tu!

— Não podia ser. Quiz conhecer-te agora que já não desconheces o amor. Desejas ainda que seja tua?

— Desejo...

— Jura-me então que sacrificarás todas as tuas affeições aos meus caprichos... Commigo, a tempestade e o triumpho sempre; sem mim, a bonança e o amor puro como o que te consagrou Maria. Escolhe...

— Serei teu para sempre.
— Serás meu escravo?
— Obedecer-te-hei cegamente.
— Ouve, pois; a Europa é vasto campo para o teu genio. Desembainha a espada, lucta, e na hora do perigo não te esqueças de chamar-me, porque estarei ao teu lado.
— Quem és, porém?
— O meu nome será de hoje em diante o teu idolo. Chamo-me *Victoria!*

A visão desappareceu, e Carlos acordou sobresaltado. Adormecêra criança ainda, e acordava homem e rei.

Desde então foi escravo do seu pacto, da *Victoria*. Para encontral-a era mister luctar. Que foi a sua vida? Uma continua lucta coroada de triumphos.

Carlos V só teve na vida uma paixão. Elle e a *Victoria* chegaram a confundir-se até ao ponto de ser um symbolo da outra.

Mas esta paixão custou-lhe incriveis sacrificios. No começo foram apenas suas victimas as duas orphãs; depois a Europa inteira.

EPILOGO

Para concluirmos este romance, só diremos que o dr. Zumel, retirando-se da vida publica, amargamente desilludido, procurou cuidar com solicitude da educação da filha de sua filha.

D. Carlos perdeu de vista, e porventura esqueceu de todo, o energico procurador de Burgos.

O infante D. Fernando herdou parte dos estados do imperador Maximiliano.

Anna e Maria rogavam no ceo pela felicidade dos dois irmãos, que tão desventurados lhes haviam feito os ultimos instantes da vida.

B. A.

COUSIN, O NAVEGADOR

Passava em Dieppe, como coisa averiguada, que um de seus navegadores descobrira a America quatro annos antes de Christovão Colombo.

Este navegador, por nome Cousin, saindo de Dieppe em 1488, fizera-se ao largo no oceano Atlantico, e, dirigindo-se para oéste, fôra levado para uma terra longinqua e desconhecida, e reconhecêra a embocadura de um rio, que se julgou ser o Maranhão.

Cousin era então acompanhado por um estrangeiro chamado Pinçon ou Pinzon, que, durante a viagem, mostrou caracter altivo, insubordinando-se contra os chefes, a ponto de incitar uma revolta da tripulação. Regressando a Dieppe, Cousin queixou-se de Pinzon, que foi exonerado do serviço da cidade por deliberação dos officiaes da comarca, que estavam exercendo a jurisdicção maritima.

Houve um historiador que a este respeito disse:

«O Pinzon, de que se falla, não podia ser outro senão o que se associou á primeira expedição de Christovão Colombo, e que tambem se insubordinou contra a auctoridade do illustre genovez.»

O descobrimento fortuito da America por Cousin, natural de Dieppe, não acha, infelizmente, base segura na tradição.

Os diarios e as memorias dos antigos viajantes de Dieppe, que estavam depositados nos archivos da cidade, foram, como é sabido, queimados no grande incendio que devorou estes archivos em consequencia do bombardeamento de 1694; e apenas se poderiam encontrar alguns leves indicios na relação dos direitos que se recebiam pelos navios entrados em Dieppe, mas parece que nunca se procedeu a tal investigação.

Seja como for, sendo o descobrimento de Cousin effeito da casualidade, e não tendo resultado util, não póde, portanto, offuscar a gloria de Christovão Colombo, que descobrira theoricamente novas terras antes de se dirigir para ellas.

BRASIL

THEATRO DE S. JOÃO, NA CIDADE DE RIO CLARO

Continuemos a nossa digressão. Partindo da Limeira, temos andado apenas legoa e meia. A grande fazenda e colonia que se apresenta á nossa vista, á esquerda da estrada e proximo á mesma, é a *Ibicaba*, e pertence ao commendador Vergueiro. É a primeira colonia da provincia de S. Paulo, em numero de colonos e talvez em abundancia de terrenos; mas em boa ordem, administração e fama, as colonias do senador Sousa Queiroz têm a primazia.

Andando mais duas legoas e meia, temos chegado á cidade de S. João de Rio Claro, a respeito da qual daremos uma breve noticia historica.

Em 1826, o capitão Francisco Alves da Costa, Joaquim José de Andrade, Manuel Paes de Arruda, Antonio Paes de Barros, e mais 130 moradores do recente povoado do Ribeirão Claro, dirigiram uma petição ao vigario capitular, expondo a necessidade de elevar a capella de S. João Baptista, existente no mesmo arrayal, á categoria de freguezia.

Recebidas as informações dos parochos das freguezias mais proximas, o vigario capitular, por despacho de 8 de maio de 1827, mandou passar provisão de *capella*, sendo os limites designados nas informações, ou os mais proprios e naturaes, ao arbitrio do povo e do novo capellão.

A provisão foi assignada em 20 de junho de 1827 pelo vigario capitular, bispo eleito.

A povoação, que se acha vantajosamente collocada no extremo de uma extensa planicie, e proximo a um pequeno ribeiro, distante meia legoa do ribeirão que lhe dá o nome, ia sempre crescendo, havendo todo o cuidado em alinhar as ruas em quadrados, circumstancia que se dá em poucas povoações do Brasil.

A lei provincial de 7 de março de 1845 deu-lhe a denominação de villa, e a lei da assembléa legislativa da provincia, sob data de 30 de abril de 1857, a elevou á categoria de cidade.

A matriz, sob a invocação de S. João Baptista, é de acanhada construcção e pequenas dimensões. Acham-se ha annos levantados os pilares de tijolo para a nova matriz, cujo templo ficará bastante defeituoso, visto não se guardarem rigorosas proporções no risco do edificio.

Uma postura da camara municipal, auctorisada por lei provincial, determina um imposto sobre cada arroba de café exportado para fóra do municipio, e tambem sobre as casas de negocio, o que dá uma boa collecta annual, em beneficio da obra da nova matriz.

O Rio Claro contém, além d'isso, a capella de Santa Cruz, cuja provisão de sagração foi expedida a requerimento do reverendo padre Manuel Rosa de Carvalho Pinto, em 2 de abril de 1857.

A capella de Nossa Senhora da Boa Morte foi erecta a requerimento dirigido ao prelado diocesano pelo povo, em 26 de março de 1856, e foi sagrada em 14 de agosto ultimo, celebrando-se no dia seguinte a primeira festa. Esta capella foi edificada por esmolas solicitadas pelo prestante subdito portuguez Antonio Gonçalves de Amorim. Paramentos, alfaias, sinos, etc., na sua mór parte, foram fornecidos pelos *cometas* do Rio de Janeiro, a pedido do procurador da capella, e um cavalheiro de quem o sr. Amorim é bastante amigo, e que, talvez por essa mesma razão, não só deu um sino, mas tambem uma rica banqueta de talha doirada.

Ao caridoso zêlo do dr. José Elias Pacheco Jordão deve-se a fundação do hospital dos morpheticos, com a sua pequena mas linda capellinha no centro, a qual foi sagrada em seguida á da Boa-Morte. Este pio estabelecimento é sustentado por esmolas. A capella é da invocação de S. Roque, cuja perfeita imagem de

madeira foi offerecida pelo prestante cidadão Francisco de Assis Negreiros.

Tem a cidade um bello theatro recentemente fundado, assim como muitas casas particulares de graciosa edificação, avultando entre todas o palacete do tenente coronel José Luiz Borges.

O theatro, que a estampa representa, foi edificado por uma associação organisada em casa do referido sr. Amorim, que sempre se presta da melhor vontade para tudo quanto é engrandecimento da terra que ama como segunda patria.

No dia 15 de maio do mesmo anno dava-se começo ás obras do novo theatro, verificando-se a primeira representação no dia 20 de janeiro de 1864, com o drama *Dallila*.

O estabelecimento é construido de tijolo. Mede 152 palmos de comprido sobre 74 de largo e 36 de alto. Está collocado em logar plano, fazendo face para a praça da matriz nova, em terreno cedido pelo cidadão Raphael Tobias de Barros. O theatro ainda se acha incompleto, faltando a 3.ª ordem, e algumas obras de menos vulto.

A obra foi incumbida ao cidadão Francisco Gomes Botão, que não poupou esforços para a levar ao estado em que se acha.

Uma das pessoas que mais concorreram para esta idéa de civilisação se realisar foi o juiz de direito da comarca, dr. João Guilherme de Aguiar Whitaker, magistrado integerrimo e cavalheiro delicadissimo. O coronel José Estanislau de Oliveira, commandante superior da guarda nacional da comarca, o primeiro fazendeiro do municipio, e um dos cidadãos mais patriotas e prestimosos da sua comarca (haja vista as provas que tem dado na presente guerra com o Paraguay), além das acções que tomou, concorreu com a quantia de 1:000$000 réis.



Brasil — Theatro de S. João, na cidade de Rio Claro

O theatro de S. João, quando se concluir, ficará sendo, depois do theatro de S. José da capital, o primeiro theatro da provincia.

Resta saber qual a extensão da importante comarca de S. João do Rio Claro. Tem 86 legoas de comprimento, desde o porto de Piracicaba, na estrada que do porto de Santos passa pela capital e conduz do Rio Claro até á confluencia do Rio Grande e Parnahyba, onde começa o rio Paraná. A sua largura varía de 20 a 30 legoas, sendo limitada de um lado pelos rios Mogyguassú e Pardo, e do outro pelo Tieté. Comprehende as cidades do nome da comarca, a da Limeira e as ilhas de Brotos a 14 legoas, Araquara a 18, S. Carlos do Pinhal, Bethlem a 10, Pirassumunga a quasi egual distancia. Da freguezia do Jaboticabal, que fica situada na parte oriental da comarca, percorrem-se 50 legoas sem povoado algum até ao Rio Grande, tendo apenas de longe em longe algum pequeno *sitio*, ou residencia de lavradores.

Na margem direita do Tieté, municipio de Araquara, existem as colonias militares de Aranhandara e Itapura.

A comarca é limitada ao norte pelas comarcas de Tranca e Mogy-mirino; ao oriente pelas de Campinas e Constituição; ao sul pela de Itapeteninga; e ao poente pelas provincias de Matto Grosso e Minas Geraes.

Em todos os municipios d'esta importante comarca (que em comprimento e largura não é muito inferior a Portugal, reino que tem 104 legoas de extensão), á excepção do de Araquara, se cultiva o café com o melhor resultado. N'este municipio, porém, dão-se excellentemente os generos alimenticios e a canna de assucar, e existem immensos campos naturaes, onde se criam innumeras manadas de gado bovino, e nos terrenos mais altos tambem se dá o cafezeiro.

A tão extenso quão fertil terreno, o que falta? braços — eis a mais palpitante e a mais urgente necessidade do Brasil inteiro, que por si só fórma um mundo.

A margem esquerda do Tieté faz parte da importante e tambem extensa comarca de Itapeteninga, sendo em grande parte habitada por indios selvagens, com especialidade o terreno que fica entre este grande rio e o não menos importante de Paranapanema, cujo sertão na maior parte é desconhecido.

Além do conhecimento pratico que temos, não só d'esta comarca como da maior parte da provincia de S. Paulo, assim como de outras do Brasil, devemos os melhores e mais minuciosos dados ao illustrado sr. dr. Antonio Augusto da Fonseca, um dos mais distinctos juristas da provincia, que já foi magistrado na comarca, e ainda n'ella tem residencia.

Rio Claro, abril de 1866. JULIO DE AROUCE.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio